

“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
Faculdade de Ciências e Letras  
Campus de Araraquara - SP

Vladimir Bertapeli

**AS METAMORFOSES DO NOME:** história, política e  
recombinações identitárias entre os Tupi Guarani

(Versão parcial)



ARARAQUARA – S.P.

2015

Vladimir Bertapeli

**AS METAMORFOSES DO NOME:** história, política e recombinações identitárias entre os Tupi Guarani

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

**Linha de pesquisa:** Diversidade, Identidades e Direitos

**Orientador:** Prof. Dr. Paulo José Brando Santilli

**Bolsa:** CAPES

ARARAQUARA – S.P.

2015

Bertapeli, Vladimir

As metamorfoses do nome: história, política e  
recombinações identitárias entre os Tupi Guarani /  
Vladimir Bertapeli – 2015  
222 f.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) –  
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita  
Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus  
Araraquara)

Orientador: Prof. Dr. Paulo José Brando Santilli

1. Tupi Guarani. 2. Identidades. 3. Política indígena.
4. História. I. Título.

Vladimir Bertapeli

# **AS METAMORFOSES DO NOME:** história, política e recombinações identitárias entre os Tupi Guarani

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

**Linha de pesquisa:** Diversidade, Identidades e Direitos

**Orientador:** Prof. Dr. Paulo José Brando Santilli

**Bolsa:** CAPES

Data da Defesa: 23/03/2015

## **MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientador:** Prof. Dr. Paulo José Brando Santilli  
Universidade Estadual Paulista – FCLAr

---

**Membro Titular:** Prof. Dr. Renata Medeiros Paolliello  
Universidade Estadual Paulista –FCLAr

---

**Membro Titular:** Dr. Maria Inês Ladeira  
Centro de Trabalho Indigenista (CTI)

**Local:** Universidade Estadual Paulista-  
Faculdade de Ciências e Letras  
**UNESP – Campus de Araraquara**

*Para Marilene, minha mãe  
Filha de Maria,  
Neta de “Mãe” Tile*

## **Agradecimentos**

Os meus agradecimentos vão para todos aqueles que de alguma forma contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho. Em primeiro lugar, agradeço aos Tupi Guarani pela amizade e por getilmente terem compartilhado um pouco do seu modo de ser. Ao Prof. Paulo Santilli, meu amigo e orientador, o qual sou grato por me inserir na etnologia indígena e sempre atentar para o compromisso que esta ciência deve ter para com os povos indígenas. Agradeço a Maria Inês Ladeira (CTI), a Prof.<sup>a</sup> Renata M. Paoliello e ao Prof. Edmundo A. Peggion pela atenção, pelas preciosas observações que fizeram ao longo do desenvolvimento deste trabalho e também por aceitarem em participar das bancas de qualificação e defesa. Aos professores do PPGCS, sobretudo a Angelo Del Vecchio e Enrique A. Zevallos pelo apoio. A professora Andreza M. Leão, do Departamento de Psicologia. Aos funcionários da FCLAr, sobretudo às secretárias do Departamento de Antropologia, Filosofia e Ciências Política, Cleusa Nery e Cristiana Gobato Lopes Castro, aosfuncinários da Biblioteca e trabalhadores tercerizados. E não poderia deixar de agradecer aos professores da FFC-UNESP, Mirian Lourenção Simonetti (minha amiga e orientadora de iniciação científica), Andreas Hofbauer, Sérgio A. Domingues, Antônio M. da Costa Braga, José Camargo Marangoni, Francisco Corsi, Odair Paiva (hoje na UNIFESP) e Paulo E. Teixeira. Agradeço também aos amigos da UNESP de Assis, sobretudo aos funcionários Rodrigo e Carolina do CEPAD (Centro de Documentação e Apoio a Pesquisa). Aos funcionários do Arquivo Público do Estado de São Paulo a minha gratidão. E também agradeço a CAPES por ter me proporcionado estes dois anos de bolsa. Agradeço aos amigos que fiz em Araraquara, Fabio, Alexandre, Andréia, André, Jéssica, Michele, Gabriel Papa, Michel, Gilberto, Carlos, Djaine, Yssysay, Ana, Carmem, Felipe Johnson, Nathalia Aline, Natália, Aline, Pedro, Valdirene e Ismael. O meu obrigado para os amigos de Marília, Mariele, Patrick, Wendel, Amanda e Victor, André Scantimburgo, Fernando Fiameng, Carol Pradella, Aline Maciel, Emiliano e Aline, Marcos e Mayara. E aos amigos de São Carlos: Amanda Danaga, Tereza Cristina, Luciano Umutina Balatiponé (UFSCar) e aos estudantes, professores e funcionários da Escola Estadual Jesuíno de Arruda, sobretudo a Toninho, Clézio, João, Paula, Eduardo, Ester, Elza, Guadalupe, Marcos Terra, Evair, Ivan, Fábio, Fábio Cunha e Adriana por terem me acolhido e pela amizade. A Orestes e Ademir, amigos de longa data. E os meus agradecimentos também vão para minha mãe, Marilene, e minha irmã, Viviane. Obrigado pelo carinho e pelos ensinamentos. E, por fim, a Fernanda, minha amada.

## **Notas sobre a grafia**

As palavras em tupi-guarani, em *itálico*, seguem a grafia ensinada pela professora Itamirim, da Aldeia Tabaçu Rekó Ypy. Também estão em *itálico* alguns termos e expressões em língua portuguesa utilizadas pelos meus interlocutores.

“Tupi or not tupi, that is the question”

Oswald de Andrade (1928, p.3)

“A abundância que havia de mestiços e mamelucos, que, segundo os jesuítas, eram os autores de tantas invasões de índios indômitos no sertão, vem em auxílio dos que cremos que o tipo índio desapareceu, mais em virtude de cruzamentos sucessivos que de verdadeiro e cruel extermínio. ”

Varnhagen ([1854] 1975, p.215)

“Não esquece, sou Tupinambá”

Domingos Mirim (86 anos, Aldeia Piaçaguera, 2014)



## Resumo

O estudo que segue versa sobre o etnônimo Tupi Guarani e sua constituição por um grupo étnico homônimo que forma a aldeia Tabaçu Rekó Ypy, localizada na Terra Indígena Piaçaguera, no litoral do Estado de São Paulo. Conforme as informações obtidas em campo, estes indígenas alegam que sua identidade está embasada na “mistura”, ou seja, nos casamentos que foram se realizando ao longo do tempo pelos seus antepassados Tupi e Guarani. As fontes históricas e antropológicas consultadas confirmam que as relações entre os remanescentes dos grupos Tupi – que habitavam os antigos aldeamentos do São João Batista de Peruíbe, Itariri e seus arredores, respectivamente localizados no litoral paulista e Vale do Ribeira – e os Guarani – Apapocúva, Tañyguá e Oguauíva – começaram após a chegada destes últimos nas décadas finais do século XIX e início do XX. A história ainda evidencia que os antepassados dos Tupi Guarani receberam várias designações ao longo da história. Assim, eles foram chamados de “índios civilizados”, “mansos”, “aldeados”, “Carijó”, “aculturados”, etc. Logo, esses termos contrastavam com aqueles atribuídos aos Tapuia, que foram apelidados de “selvagens”, “bravos”, “botocudos” e “autênticos”. Consta nas fontes históricas que estas denominações serviram tanto para o estabelecimento de alianças entre indígenas e não indígenas como também convieram para engendrar conflitos. Ademais, estes termos contribuíram para a condução de uma legislação indigenista que oscilava entre a amenidade e a repressão. De mais a mais, pesquisadores e demais autoridades consideravam que os descendentes dos Tupi e Guarani que viviam pelas matas ou nos arredores das cidades litorâneas e pelo interior de São Paulo não passavam de fragmentos ou arremedos dos antigos nativos que habitavam a costa. Logo, isto trouxe para tais povos uma série de problemas, tanto políticos como sociais. Desse modo, esta pesquisa versa sobre esse processo histórico, político e social de constituição do etnônimo Tupi Guarani. Veremos que a identidade étnica do grupo em questão foi construída – na verdade, ela está em um constante processo formação – através das diversas relações estabelecidas por esses atores com outros grupos indígenas e não indígenas. Portanto, este estudo procura demonstrar que a identidade tupi guarani é fruto de eventos históricos e da interação desses atores com outros povos indígenas e com a sociedade nacional.

**Palavras – chave:** Tupi Guarani. Identidades. Política indígena. História.

## Abstract

The study that follows is about the ethnonym Tupi Guarani and its constitution by an eponymous ethnic group that forms the “aldeia Tabacu Reko Ypy”, located in the “Terra Indígena Piaçaguera”, in the São Paulo state coast. According to the information obtained in the field, these natives claim that their identity is grounded in the “mistura”, ie in marriages that have been taking place over time for their Tupi and Guarani ancestors. The consulted historical and anthropological sources confirm that relations between the remnants of the Tupi groups – who inhabited the ancient “aldeamento São João Baptista de Peruibe”, “Itariri” and its surroundings, respectively located on the coast and Vale do Ribeira – and Guarani – Apapocúva, Tañyguá and Oguauíva – began in the late nineteenth century and early twentieth. The story also shows that the ancestors of Tupi Guarani had various names throughout history. Thus, they were called “índios civilizados”, “mansos”, “aldeados”, “Carijó”, “aculturados”, etc. Thus, these terms contrasted with those assigned to Tapuia, which were also dubbed “selvagens”, “bravos”, “botocudos” and “autênticos”. The story also points out that these designations also served both to establish alliances between indigenous and non-indigenous but also served to engender conflict. Moreover, these terms contributed to the conduct of an indigenous law that ranged from the amenity and repression. Moreover, researchers and other authorities considered that the descendants of the Tupi and Guarani who lived in the woods or around the coastal cities and the countryside of São Paulo were just fragments or imitations of ancient natives who inhabited the coast. So this brought to such people a lot of problems, both political and social. Thus, this research deals with this historical process, political and social constitution of the ethnonym Tupi Guarani. We will see that the ethnic identity of the group in question was built – actually, it is in constant process training – through the various relationships established by these actors with other indigenous groups, the city and its non-indigenous representatives. Therefore, this study argues that the identity Tupi Guarani is the result of historical events and interaction of this group with other indigenous peoples and national society.

**Keywords:** Tupi Gurani. Identity. Indigenous Policy. History.

## Lista de figuras

<b>Figura 1</b>	Albert Eckhout <i>Mulher Tupi</i> (274x163cm) e <i>Homem Tupi</i> (272x163cm), óleo sobre tela. (1641).	39
<b>Figura 2</b>	Albert Eckhout, <i>Homem Tapuia</i> . (272X 165cm) e <i>Mulher Tapuia</i> (272x163 cm), óleo sobre tela. (1643).	40
<b>Figura 3</b>	Ata de fundação do Serviço de Proteção aos Índios, 1910.	102/103
<b>Figura 4</b>	Anúncio jornal para vendas de lotes de terrenos em Itanhaém, 1946.	128
<b>Figura 5</b>	Ordem de Serviço que demonstra tentativa de desbulho das terras indígenas de Peruíbe, 1959.	129
<b>Figura 6</b>	Telegrama cujo conteúdo informa a invasão das terras indígenas em Itariri, 1960.	130
<b>Figura 7</b>	Átomos de parentesco que demonstram a noção de mistura, segundo os não indígenas.	154
<b>Figura 8</b>	Átomos de parentesco que demonstram a noção de mistura, segundo os Guarani.	155
<b>Figura 9</b>	Átomos de parentesco que demonstram a noção de mistura, segundo os Tupi Guarani.	156
<b>Figura 10</b>	Genealogia da família de Domingos Mirim, aldeia Piaçaguera.	158
<b>Figura 11</b>	Genealogia da família de Dora, aldeia Tabaçu Rekó Ypy.	159
<b>Figura 12</b>	Genealogia da família de Nambi, aldeia Djako Aty	160

<b>Figura 13</b>	Diagrama que representa o movimento circular do txondaro jeroky, segundo a descrição dos Tupi Guarani.	169
<b>Figura 14</b>	Diagrama que demonstra a dança dos guerreiros antes de conhecerem o <i>xondaro jeroky</i> dos Guarani.	171
<b>Figura 15</b>	Croqui da Aldeia Tabaçu Rekó Ypy, feito por Itamirim.	182

## Lista de Fotos

<b>Foto 1</b>	Estação ferroviária de Peruíbe, 1914.	89
<b>Foto 2</b>	Indígenas contatados, sem data.	96
<b>Foto 3</b>	Família Guarani, Posto Indígena Araribá, 1923.	110
<b>Foto 4</b>	Serralharia do P.I. Araribá, 1922.	116
<b>Foto 5</b>	Índios Terena e Guarani, 1922.	116
<b>Foto 6</b>	Jovem e crianças indígenas do P. I. José de Anchieta (Peruíbe), 1965.	131
<b>Foto 7</b>	Posto Indígena José de Anchieta (Peruíbe), 1965.	132
<b>Foto 8</b>	Indígenas e o chefe do P.I. José de Anchieta (Peruíbe), 1965.	132
<b>Foto 9</b>	Itamirim e Pitu, Aldeia Tabaçu Rekó Ypy, 2014.	173
<b>Foto 10</b>	Registro do registro. Na Aldeia Djaiko Aty, Dora filma Lucas Karaí a preparar o peixe na casa de reza, 2014.	176
<b>Foto 11</b>	Preparativos para o Vivência na Aldeia, 2014.	183
<b>Foto 12</b>	A beira da rodovia, indicando o caminho da aldeia, 2104	184
<b>Foto 13</b>	Arrumando o telhado, 2014.	185
<b>Foto 14</b>	Mais preparativos para o Vivência na Aldeia, 2014.	185

## Lista de Mapas

<b>Mapa 1</b>	Aldeamentos e povoados paulistas, séculos XVI e XVII.	55
<b>Mapa 2</b>	Rotas das expedições de apresamento.	58
<b>Mapa 3</b>	Rotas migratórias empreendida pelos Guarani.	83
<b>Mapa 4</b>	Núcleos coloniais efetivos e em fase de implantação no estado de São Paulo em 1908.	91
<b>Mapa 5</b>	Anteprojeto e subdivisão em glebas das terras devolutas do perímetro de Peruíbe-SP, com indicativos de preços em 1933.	95
<b>Mapa 6</b>	População indígena no Brasil.	141
<b>Mapa 7</b>	Aldeias e Terras Indígenas no Estado de São Paulo.	143
<b>Mapa 8</b>	Mapa da Terra Indígena Piaçaguera.	165

## Lista de Tabelas

<b>Tabela 1</b>	Relação de "índios aldeados" de São Paulo em 1868.	80
<b>Tabela 2</b>	Dados demográficos da população indígena no Brasil (1500-2010)	140
<b>Tabela 3</b>	Aldeias Guarani no estado de São Paulo em 2012	142

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO: Primeiras cenas: a construção do campo</b>	18
<i>Cena n° 1</i>	19
<i>Cena n° 2</i>	22
<i>Cena n° 3</i>	23
<b>CAPÍTULO 1: Dos primeiros contatos e seus desdobramentos</b>	32
<i>Tupi e Tapuia</i>	33
<i>Alianças esporádicas, escambo e guerras</i>	42
<i>Indígenas e jesuítas: a constituição dos aldeamentos paulistas</i>	48
<i>Indígenas e colonos: as expedições de apresamento</i>	56
<i>No cotidiano dos aldeamentos</i>	61
<i>O fim dos aldeamentos paulistas e o esbulho da terra</i>	71
<b>CAPÍTULO 2: Sob a égide republicana</b>	86
<i>Estradas de ferro e a expansão das monoculturas: o que fazer com os índios?</i>	87
<i>A instituição do Serviço de Proteção aos Índios</i>	100
<i>Oguatá: novas levas migratórias guarani e os Postos Indígenas</i>	106
<i>A vida diária nos Postos Indígenas</i>	114



<i>O fim do SPI e a instituição da FUNAI</i>	123
<b>CAPÍTULO 3: <i>Entre os Tupi Guarani: de volta ao campo</i></b>	134
<i>A renascença indígena</i>	135
<i>“Somos Tupi Guarani”</i>	148
<i>A lógica da mistura</i>	151
<i>Como os Tupi Guarani constroem e manifestam sua identidade étnica?</i>	163
<i>Os Tupi Guarani, seus “parceiros” e as fronteiras étnicas</i>	180
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	188
<b>FONTES PRIMÁRIAS</b>	192
<b>REFERÊNCIAS</b>	194
<b>ANEXOS</b>	205
<b>ANEXO A</b>	206
<b>ANEXO B</b>	207
<b>ANEXO C</b>	211

---

## Introdução

*Primeiras cenas: a construção do campo*

## **Cena n°1**

The mirrors itself is the instrument of a universal magic that changes things into spectacle, spectacles into things, myself into another, and another into myself (MERLEAU-PONTY, 1964, p.168).

**C**omo em qualquer cidade do litoral paulista, é comum ver indígenas vendendo nas feiras livres o artesanato por eles produzido e o que retiram da floresta, como palmito pupunha, bromélias, etc. Nestes dias, quando as barracas dos feirantes são erguidas nas ruas centrais de qualquer urbe litorânea, também é possível vê-los nas calçadas ou visitando o comércio local. Aliás, é nessas andanças que muitos deles aproveitam para quitar suas dívidas nas lojas, comprar algum produto ou simplesmente, como costumam fazer os jovens, passar o tempo com passeios pela via pública ou reunidos então grupos nas praças até o momento de retornarem com os demais para casa no final do dia. No caso de Itanhaém, os indígenas que costumam frequentar as feiras deste município são, em sua maioria, procedentes das aldeias Bananal, Aldeinha e Rio Branco e as aldeias que localizadas na Terra Indígena Piaçaguera. Assim, trazendo comigo esses dados, decidi viajar para o litoral e procurar num desses espaços um homem cujas poucas informações que eu tinha a seu respeito se resumia a seu nome e apelido (chamava-se Elias, mas todos o conheciam por Pitotó) e que vendia ervas, “garrafadas” e seus conhecimentos para quem quisesse obtê-los nas feiras da região.

Assim, numa manhã de sexta-feira, um dia após a minha chegada ao litoral paulista, fui tentar a sorte numa dessas feiras livres. Logo que cheguei, avistei alguns Guarani da Aldeia do Rio Branco que estavam a vender artesanato e, sobretudo, palmito. Sabia quem eram por ter estabelecido contato em outra ocasião. Conversei então com alguns deles que me reconheceram. Em seguida, após algumas trocas de palavras, decidi então me embrenhar no interior da feira, na esperança de encontrar o meu interlocutor. Enquanto caminhava entre as barracas de frutas e hortaliças, a dinâmica daquele espaço se processava através do alarido de sons, sobretudo os gritos dos feirantes que procuravam assim atrair os clientes; somado a profusão de cores que vinham das frutas, verduras e das de roupas expostas sobre as bancas. Então, perdido nesse emaranhado de sons e cores, fui resgatado pela figura de duas crianças guarani que me fizeram lembrar o propósito de estar ali. Continuei então minha caminhada. Fui até o final da feira e não tinham me deparado com aquele a quem eu desejava encontrar. Assim, como estava com sede, decidi parar e tomar um pouco d'água numa

barraca de pastel. Como estas barracas estavam localizadas na entrada da feira, tive que retornar. Então, enquanto caminhava para o início de onde parti, encontrei um homem que trazia sobre sua cabeça um diadema que avaleiei ser feito de penas de papagaio e gavião. Fiquei intrigado com aquela figura. Pensei: “será este o dito Pitotó?” Então, continuei a dirigir-me até a barraca de pastel. Como havia uma próxima ao indígena, decidi ficar por ali mesmo. Pedi um refrigerante. Enquanto isso, coloquei-me a observar aquela figura, que estava sentado num caixote de madeira, a arrumar as raízes, folhas e extratos de plantas medicinais que seriam comercializadas naquele dia.

Observei, acho, por uns quinze ou vinte minutos. Nesse ínterim, de vez em quando vinha alguém interessado em trocar algumas palavras com aquele indígena. Assim, esse alguém aproveitava para vasculhar com os olhos e mãos os produtos que tinham sido dispostos num pedaço de lona. Finalmente, quando encontrava algo que lhe interessava, apontava e dizia alguma coisa – com certeza estava a perguntar o preço –, então, o cliente retirava do bolso uma nota amassada de 10 reais e passava ao vendedor que, por sua vez, devolvia o valor da nota na mercadoria indicada por aquele. Então, o comprador ia embora. O homem com cocar olhava para os lados antes de colocar o dinheiro no bolso, e continuava a arrumar os seus produtos. Às vezes, levantava-se e ia em direção de algum Guarani que estava por perto. Falavam em tupi-guarani, o que chamou atenção de alguns transeuntes. Ouviam-se também algumas risadas. De repente, a brincadeira só foi quebrada quando alguém disse em voz alta: “O Pitotó, presta atenção! Olha lá o cliente!” Então, sem perder tempo, o homem com cocar voltou-se rapidamente para seu posto.

Confirmada a minha suspeita, de que aquele homem com cocar seria quem eu procurava, o Pitotó, decidi me apresentar. Após um cliente ser atendido, fui até lá. A primeira coisa que fiz foi perguntar-lhe se havia alguma dentre as raízes e folhas que pudesse aliviar ou curar-me de um inchaço localizado na região lombar. Então, ele me pediu para tirar a camisa. Olhou, pressionou com os dedos e, por fim, perguntou se estava dolorido. Disse-lhe que sim. Em seguida ele pegou uma mochila que estava perto dele, abriu e passou a vasculhá-la. Instantes depois, ele me entregou um pequeno frasco. Recomendou-me passar aquele extrato de jacarandá por uma semana e eu estaria livre do inchaço. Levei o extrato. Enquanto ele embrulhava o produto e, sem perder mais tempo, aproveitei para perguntar-lhe seu nome. Respondeu-me que se chamava Elias, mas que todos o conheciam como Pitotó. Ao escutá-lo, respondi que estava há algum tempo a procurá-lo. Disse-lhe então meu nome e de onde eu vinha. Ele, um tanto surpreso, perguntou se eu conhecia o pessoal que fez a

*demarcação da T. I. Piaçaguera. Respondi que conhecia apenas os professores, já as estudantes que contribuíram no grupo de trabalho só pelos textos que produziram.*

*Ensaiei algumas palavras sobre o motivo que me levou a estar ali diante dele. Mas como um ajuntamento de pessoas estava a se formar a nossa volta, Pitotó perguntou-me se eu estaria interessado em estender aquela conversa noutro dia, lá na aldeia onde morava. Assim, combinamos que nos encontraríamos no dia seguinte.*

*No outro dia, estava eu lá na aldeia, sentado num banco de madeira e, a minha volta, acompanhado de Pitotó, Pitu e Itamirim, que segurava em seus braços a recém-nascida Itisy. Nesse primeiro encontro, disse-lhes um pouco sobre mim, falei que dava aulas numa escola pública de São Carlos – nesse momento, percebi uma satisfação ao ouvir o que eu fazia, pois, Pitotó comentou que Itamirim também é professora – expus os motivos que me levaram a estar ali. Disse-lhes que gostaria de estudar a forma como eles entendiam e usavam seus corpos. Após ouvirem a minha exposição, fez-se silêncio por um curto espaço de tempo. Então, Itamirim tomou a palavra e fez-me uma pergunta que, até hoje, considero difícil de respondê-la de imediato. Perguntou-me o porquê em desenvolver uma pesquisa com os Tupi Guarani. Depois de refletir por alguns instantes, respondi-lhe que, diante dos acontecimentos que eles enfrentavam em relação ao fato de não serem reconhecidos como indígenas por muitos daqueles que viviam nas adjacências da terra indígena e, uma proposta de estudo como aquela que apresentei talvez pudesse contribuir para os seus propósitos de serem reconhecidos como indígenas.*

*Parece que tal argumento, embora feito no calor da hora, agradou aos ouvidos dos meus interlocutores. Digo isso porque, ao terminarmos a conversa, Itamirim disse que eu seria bem-vindo à aldeia e que teriam enorme prazer em ajudar em tal empreitada, mesmo que o projeto sofresse alguma alteração no desenrolar de sua feitura.*

*Proféticas palavras. Vendo agora, percebo o quanto forma assertivas as palavras de Itamirim.*

*Ao final da tarde, quando eu saí de lá, lembrei-me que aquela foi a terceira vez que estive numa aldeia indígena. As outras foram há muito tempo atrás, quando eu nem imaginava entrar na universidade. O curioso é que as outras foram na aldeia Barragem, também de Guarani.*

## **Cena n° 2**

*Em um dado momento de nossa conversa, enquanto limpava o seu petynguá, revelou-me o txeramôe Guaira um pouco sobre o que pensava a respeito da história de seu povo. “Olha, antigamente só os Tupi viviam aqui na praia. Depois, os Guarani lá daqueles lados do Mato Grosso do Sul e do Paraguai veio pra cá e cada um deles foi se casando com gente daqui, se misturando. Entende?... Daí surgiu a gente que é Tupi Guarani.”*

*Logo em seguida, fez-se silêncio, o que traduzi como sendo um sinal de que o meu interlocutor vasculhava em sua memória alguma outra lembrança. Enquanto pensava, ele principiou a picar um pedaço de fumo-de-corda com a ajuda de uma minúscula faca. Depois, quando já tinha o suficiente, depositou o fumo picado no petynguá. Logo em seguida, compactou o tabaco com o dedo polegar e pôs fogo. Então, principiou a pitá-lo. Não demorou muito para pequenas nuvens de fumaça surgissem ao redor de seu rosto.*

*Estávamos acomodados em bancos, em frente à sua venda, que fica em uma praça que, por sua vez, está incrustada no centro do bairro Gaivota, o último de Itanhaém, na divisa com o município de Peruíbe. Esse cenário era composto por seis vendas, contando com a do meu interlocutor, que comercializa artesanato, beberagens, raízes e plantas medicinais; uma banca de jornal; um pequeno palco para apresentações; jardineiras com pequenos arbustos e mirrados coqueiros; um ponto de ônibus que simplesmente se resumia a um toco de madeira, pintado nas cores azul e branco, que correspondiam às tonalidades da bandeira da cidade, ficando no chão. Na outra extremidade, que não pertencia mais ao domínio da praça, instalara-se um parque de diversões. E, finalmente, tubulações de esgoto e uma placa do Governo Federal indicavam que ali seria instalada a rede coletora de esgoto completavam a cena. É curioso o fato de inexistir árvores nativas em tal espaço. Aliás, a maioria das praças em Itanhaém é constituída por pequenas palmeiras.*

*O dia estava ensolarado e quente. Ensejo para que grupos de banhistas, constituídos por mulheres e crianças, dirigissem à praia. De vez em quando um deles se desgarrava do bando e ficava a olhar as pequenas lojas que se estendiam ao longo do caminho da praia. De repente, o silêncio foi quebrado. O meu interlocutor retomara a palavra como a seguinte afirmação: “Sabe, muitos dos jurua: acham que a gente não é mais índio!”*

*Sem dúvida, esta última análise feita por Guaira é precisa. Afinal, existe a opinião entre a população local que os indígenas da T. I. Piaçaguera não podem ser considerados como tais, pois acreditam que estes perderam os seus costumes, etc. Constatei isso em diversas ocasiões, sobretudo aquelas que me obrigavam a ir até o bairro próximo à T. I. Piaçaguera em busca de alimentos. Lembro-me das indagações feitas por um comerciante.*

*Certa vez, o dono de uma mercearia, ao observar uma criança indígena que me acompanhava, quis saber se o menino estava comigo. Com a resposta afirmativa, perguntou-me se eu estava na aldeia. Respondi que sim e expliquei-lhe os propósitos da minha permanência entre os indígenas daquela aldeia. O homem, aparentemente incrédulo, encerrou a conversa dizendo que eu estava no lugar errado, “que fosse pro Xingu pesquisar índios”.*

*Assim, o comentário do comerciante e as palavras do txeramõe são efeitos desse primeiro evento conhecido como “descobrimento” ou “invasão”. Logo, isso se faz presente na relação entre os não indígenas e os Tupi Guarani da Terra Indígena Piaçaguera, assim como de outras aldeias.*

### ***Cena n° 3***

*O barulho da cidade há muito tempo foi deixado para trás. Agora, em lugar da cacofonia e demais balbúrdias que caracterizam a vida urbana, apenas reinavam os sons da mata. Não parecia que eu estava a poucos metros da rodovia que corta a T. I. Piaçaguera. E tampouco parecia que eu estava em São Paulo. Não havia nenhuma nuvem no céu e o sol estava a pino. Pelo calor que fazia, deduzi que seria um pouco mais do meio-dia. E, pelos meus cálculos, restavam apenas uns vinte minutos de caminhada até chegar ao meu destino, a Aldeia Tabaçu Rekó Ypy. Isto é, contando a partir da rodovia que passa pela terra indígena até a chamada “gleba b”, local onde está localizada a referida aldeia. Para distrair-me, dirigi o meu olhar para os desenhos feitos no chão de areia. Percebi então que as figuras, umas mais nítidas do que as outras, foram desenhadas em diferentes momentos: tinha as marcas de galochas, pezinhos descalços de crianças, marcas de pneus de bicicletas e patas de cães.*

*Como já estava exausto, parei um pouco para descansar. Coloquei a mochila no chão e tomei um gole d’água. Permaneci assim por alguns instantes. Depois, quando recobri as energias, levantei-me e continuei a caminhada. Então, ao chegar numa clareira, avistei um homem que vinha ao meu encontro. Caminhava de forma vagarosa e despreocupada. Logo vi que se tratava de Pitotó. Ao me avistar, abriu logo um sorriso e gritou de disse algumas palavras em tupi-guarani enquanto se dirigia em minha direção: “Tarde, Txemôe!<sup>1</sup> Pensei*

---

<sup>1</sup>Txemôe é uma abreviação de txeramõe e significa avô ou aquele que sabe.

*que tava perdido. Onde tava?” Ao ouvi-lo, cumprimentei com um aceno de mão e continuei a seguir em sua direção. Enquanto andava, disse-lhe que estava a prostrar com seu irmão Guaíra e que não tinha percebido o tempo passar. Já próximos um do outro, cumprimentamo-nos com um aperto de mão.*

*Pitotó então ofereceu ajudar-me com a bagagem que eu trazia. O que aceitei. Assim, voltei a caminhar em direção a aldeia, mas desta vez acompanhado. Enquanto andávamos, fui informado sobre os planos que o meu interlocutor tinha reservado para nós naquele dia. Disse que, assim que deixasse as minhas coisas na escola e de me apresentar aos demais membros da aldeia, visitaríamos um amigo txeramõe que tinha muito apreço e que eu precisava conhecer.*

*Sendo assim, depois de colocar a minha mochila na escola – local este que seria a minha morada nos próximos meses –, seguimos para Aldeia Piaçaguera, onde residia aquele que visitaríamos naquele dia. A supracitada aldeia não estava muito longe de onde estávamos, bastava apenas retomar a caminhada que fiz até a Tabaçu, só que em sentido contrário, atravessar a Rodovia Padre Manoel da Nóbrega e depois seguir por mais trinta minutos até a aldeia Piaçaguera, que fica à beira mar. Assim era o tempo que eu costumava levar logo que visitei pela primeira vez a terra indígena. Mas, para minha surpresa, o tempo de fazer tal percurso durou mais do que eu poderia esperar. Isto porque o meu guia resolvera visitar os amigos que moravam ao longo do caminho. Consequentemente, isso me possibilitou estabelecer contato com alguns membros das demais aldeias.*

*Então, antes de alcançarmos o nosso destino final, circulamos por vários pontos situados tanto na terra indígena como também fora dos seus domínios. Durante o trajeto, tomei contato com várias pessoas que conheciam Pitotó e que vinham trocar algumas palavras conosco. Dentre estas, destaco um pastor evangélico e um dono de uma venda que dizia ser caiçara. O primeiro, quando nos avistou na estrada vicinal à rodovia, já próximo do bairro do Gaiyota, veio saudar-nos. Fez algumas brincadeiras e, aproveitando a oportunidade, questionou os motivos da ausência do meu guia aos cultos religiosos. Por consequência, este respondeu com um argumento que nitidamente ele tinha inventado naquela ocasião. Já o segundo, conheci quando o encontramos acomodado numa cadeira posta à frente de seu comércio. Chamava-se Josias, alegava ser caiçara nascido em Cananeia, cujos pais vieram para Itanhaém após o seu nascimento. No interior do comércio do senhor Josias, percebi que as paredes estavam enfeitadas com arcos e flechas, tacapes e lanças que foram adquiridas dos Tupi Guarani. Observei também que o comerciante vendia os mais variados tipos de produtos, desde frutas, pão a cachaça e cerveja.*



*Como já estávamos com fome e sede, decidimos comprar ali mesmo alguns pães, um pouco de mortadela e refrigerante. Além disso, Pitotó recomendou que eu comprasse fumo-de-corda para presentear nosso anfitrião. Finalmente, saímos de lá e dirigimos à praia, onde nos alocamos e fizemos a nossa refeição próxima aos restos do que foi um dia uma canoa caiçara. Após terminar o seu pão com mortadela, o meu interlocutor puxou do bolso da camisa um cigarro e passou então a fumá-lo. Ao dar as primeiras baforadas, ele apontou e perguntou se eu sabia o nome de um pequeno rochedo que estava há uns cem metros diante de nós, que era castigado pela arrebentação forte do mar. Respondi que sim. Disse-lhe que se tratava da chamada “Pedra da Gaivota”. Ele, que continuava a observar o mar “quebrar” naquele rochedo onde, às vezes, viam-se alguns pescadores a se aventurar numa pescaria muito arriscada, respondeu-me que esta era a versão mais comum e também a falsa. Disse então que, outrora, aquela pedra era conhecida como a “Pedra do Guarahú”, local onde Pero Corrêa e sua tripulação atracavam seus escales e se embrenhavam na mata em busca de indígenas para serem escravizados.*

*Logo em seguida, perguntou se eu já tinha visto uma placa do projeto Passos dos Jesuítas, da Secretaria da Cultura do Governo do Estado de São Paulo, que foi colocada na entrada da T. I. Piaçaguera. Respondi-lhe que não, que não tinha conhecimento de tal placa. Então, após ouvir minha resposta, ele teceu alguns comentários relativos ao referido projeto. Perguntava se aqueles que idealizaram o projeto desconheciam a história. Assim, considerava tal atitude uma afronta. Para ele, portanto, as figuras dos jesuítas José de Anchieta e Manoel da Nóbrega eram tão assassinas quanto foram os bandeirantes. Contou-me ainda um episódio em que foi convidado a proferir algumas palavras no espetáculo religioso “Aparição da virgem Maria a Anchieta” que ocorre anualmente em Itanhaém, disse algumas palavras que contrariaram a expectativa das autoridades e do público presente.*

*Assim, feitos tais questionamentos, levantamos e continuamos a caminhar. Desta vez, seguimos pela praia e depois nos embrenhamos pela mata. Esta, uma pequena vegetação típica de regiões litorâneas, composta por jundu, salsa da praia e outras espécies de plantas.*

*Enfim, chegamos à casa do nosso anfitrião. Pitotó, que foi o primeiro a pular a cerca, foi logo chamando pelo nome do seu amigo em voz alta: “Txeramôe Mirim, ka' aru! Akaru tsé”.<sup>2</sup>*

*Não se ouvia resposta. Apenas os sons que vinham de um rádio, que tocava música sertaneja, e os latidos de magrelos cães se faziam ouvir. Novamente, fez-se ouvir a voz de*

---

<sup>2</sup> “Txeramôe Mirim, boa tarde! Estou com fome!”

*Pitotó. Minutos depois, ouvimos uma voz masculina que vinha do fundo da pequena casa e que dizia: “Oh, Mirim, parece que o senhor tem visita!” Então, o meu guia se voltou para mim e disse para irmos para a parte de trás da casa, pois era ali que seu dono costumava ficar. Então, dirigimo-nos até lá. Assim, quando atravessamos o quintal, o primeiro a nos receber foi o dono da voz que anunciara a nossa visita. Ao avistar-nos, disse: “Ah, é você Pitotó! E aí?” Pitotó então lhe respondeu a saudação e, em seguida, apresentou-me ao seu amigo que se chamava Amâncio. Então, ouvimos uma voz que julguei ser daquele a quem o meu guia desejava que eu conhecesse. Em tupi-guarani ele nos saudou: “Ka' aru! Marai txéé ñandé adjerowia ndeé!”<sup>3</sup> Em seguida, Pitotó retribuiu dizendo: “Aweté!”<sup>4</sup>*

*Fomos então convidados a entrar. No interior da moradia, uma pequena casa feita de madeira e que correspondia a dois cômodos, encontramos Mirim sentado ao pé da cama, enquanto segurava em uma das mãos o seu petynguá. Sem cerimônias, Pitotó pegou-lhe a mão que estava livre e, como sinal de saudação, apertou-a. Logo em seguida foi a minha vez de cumprimentá-lo com um aperto de mão. Acomodamo-nos em dois bancos que estavam dispostos pelo canto do quarto que também servia de cozinha. Domingos Mirim, como um bom anfitrião, indicou-nos a garrafa de café que estava sobre a mesa: “Pegue um pouco de café. O menino acabou de trazer”.*

*A aparência de Domingos Mirim era de um homem que, conforme o meu cálculo teria em torno de 80 anos de idade – mais tarde, em outra conversa que tive com ele, confirmei a sua idade, estava com 86 anos. Aparentava ter sido um homem de estatura mediana, mas a velhice roubara-lhe um pouco de sua altura original. Embora fosse calvo, gostava de manter compridos os poucos cabelos que ainda persistiam nas têmporas e nuca. Na parte detrás das orelhas, duas pequenas tranças pendiam-lhe até a altura do maxilar. As pontas estavam adornadas com pequenos pedaços de madeira. Havia sobre os braços, ombros e antebraços, algumas tatuagens que não consegui identificá-las. Estava cego e vivia sob os cuidados dos parentes que moravam em seu entorno.*

*Agora já acomodados, Pitotó e Mirim principiaram uma conversa em tupi-guarani. Amâncio, por sua vez, também participava com alguns comentários que soltava lá do quarto ao lado. A conversa explodia, de vez em quando, em risos e gargalhadas. E eu apenas a observar a cena. Acredito que tal prosa tenha ocorrido por meia hora. Assim, ao ver-me do outro lado do quarto, o meu guia lembrou-se de mim e, em tupi-guarani, supus que havia retornado a me apresentar a Mirim. Deduzi que dissera ao dono da casa que eu era*

---

<sup>3</sup>“Boa tarde! Estou feliz com vocês!”

<sup>4</sup>“Obrigado!”

*estudante e que gostaria de conhecê-lo. Enquanto isso, o velho Mirim, como sinal de que tinha entendido o que acabou de escutar, apenas balança a cabeça para cima e para baixo. Ele, então, fez um gesto de quem aguardava ouvir-me. Assim, satisfiz-lhe o gesto com algumas palavras de agradecimento pela hospitalidade e com o fumo-de-corda que entreguei em suas mãos. Disse-lhe também que estava ali por causa do conhecimento que tinha e que esperava aprender com ele. Em contrapartida, o txeramõe agradeceu as minhas palavras e ao presente. Modesto, Mirim, que segura o pacote de fumo, o qual ele imediatamente abriu e passou a picotar o fumo em pequenos pedaços até ficar do jeito que queria, disse que estava honrado em conversar comigo e que faria o possível para ajudar-me.*

*Para dar início a conversa, aproveitei a ocasião e perguntei sobre o lugar onde ele nasceu. Respondeu que suas origens estão naquelas terras, próximo às ruínas do Abarebebê. Disse ainda que seu pai e sua mãe nasceram na Aldeia do Bananal. O primeiro chamava-se Samuel dos Santos, um Tupi, enquanto sua mãe chamava-se Prescedina, uma mulher branca. Já seus avós, o meu interlocutor afirma que seu avô era Guarani, oriundo do Mato Grosso, e sua avó era uma índia Tupi, originária do Bananal. Enquanto que seu bisavô se chamava Mby, era Guarani cuja procedência desconhecia, e, por fim, sua bisavó Domingas Ribeiro era uma índia Tupi (Tupinambá) que viveu no Bananal e em outras aldeias daquela região litorânea.*

*Na medida em que remexia suas memórias, fiquei sabendo que seus pais separaram – sendo a não adaptação de sua mãe à vida na aldeia como o motivo alegado. Então, sua mãe o levou consigo para a cidade de São Vicente, onde permaneceu até os seus 13 anos. Mas, ao completar os seus estudos na escola primária, ele decidiu voltar à Aldeia do Bananal, onde seu pai e seus tios o aguardavam. Contou que ali aprendeu tudo que um Tupi precisa saber, isto é, “caçar, pescar e se virar na mata”. Ali, ele permaneceu até os vinte e poucos anos. Então, seguindo um sonho de conhecer a cidade grande, ele resolveu partir para o Rio de Janeiro.*

*Na então capital do país, Mirim passou a trabalhar nas companhias cinematográficas em atividade na época. Através desse emprego, ele conheceu sua primeira esposa, uma mulher de origem italiana. Assim, entre outras idas e vindas que ocorreram em sua vida, Mirim retornou ao Bananal e, mais tarde, acompanhando as demais famílias tupi guarani que moravam na citada aldeia, ele veio a se estabelecer na Aldeia Piaçaguera. No final, quando já estávamos de saída, o txeramõe disse: “Não se esqueça, sou Tupinambá!”*

*Deixei a casa de Domingos Mirim intrigado com a sua última afirmação. Perguntava-me sobre o que ele realmente queria dizer quando afirmava ser um Tupinambá? Carreguei*

*essa indagação comigo pelo resto daquele dia e pelos próximos dias que vieram. Pois, lembrei-me que os textos históricos e antropológicos afirmavam que, desde o Visconde de Porto Seguro até os mais contemporâneos, consideravam como extintos os Tupinambá da costa litorânea. Desse modo, em pleno século XXI, encontrei um homem que afirmava ser um Tupinambá. Certamente, isso faz contrariar as estimativas de que se afirmava que os indígenas não chegariam a ver o século XXI.*

\*\*\*

As cenas descritas acima foram retiradas do meu caderno de campo. Relendo-as agora, tenho a impressão de que tudo ocorreu num átimo de tempo. Mas isso é mera impressão. O que de fato ocorreu, se for contabilizado desde o primeiro dia em que decidi realizar essa pesquisa até o momento que escrevo estas últimas palavras, foi um conjunto acontecimentos, idas e vindas, que, de alguma forma, tiveram algum efeito sobre mim e, logo, na construção deste estudo. O que quero dizer é que a minha visão sobre os povos indígenas foi se transformando gradualmente, na medida em que eu me embrenhava em uma de suas realidades. Embora, desde a minha infância, sempre os avistasse circularem pelas cidades da Baixada Santista, seja vendendo artesanato, palmito e bromélias, ou a fazer suas apresentações em escolas e em datas comemorativas, não imaginava em tê-los como interlocutores. Ademais, eu estava interessado em sair do estado de São Paulo e seguir para algum lugar distante, onde eu pudesse encontrar o meu Outro. Pensei então em seguir para o norte do país e estabelecer contato com algum povo amazônico. Certamente, as leituras de *Tex* e *Tenente Blueberry*, mais os seriados televisivos de “faroeste” que assisti quando criança e depois as leituras dos livros *Do Roraima ao Orinoco* e *As lanças do Crepúsculo*, sendo obras respectivamente de autoria de Koch-Grünberg e Descola, que fiz nos últimos anos de minha graduação, estimularam esse desejo em conviver com povos de terras distantes. Talvez, pensando como os meus botões, estes sejam os motivos que me levaram a fazer antropologia.

Mas o desejo por povos distantes foi perdendo força – ou melhor, tomando outra forma –, pois entendi que não precisaria ir muito longe para encontrar o Outro, como disse há pouco. Lembrei-me então daqueles homens e mulheres que com quem volta e meia eu deparava pela cidade. Compreendi que, apesar de sempre tê-los visto, não sabia nada a respeito deles. O meu conhecimento estava embasado em senso comum, semelhante o argumento usado pelo dono da venda (Cena n° 2).

As três cenas descritas, além de indicarem a forma como o campo foi sendo construído por mim e pelos indígenas que tive contato, também demonstram o que será discutido no decorrer desta pesquisa. Isto é, procuro apresentar ao longo deste texto a trajetória do etnônimo Tupi Guarani, além de outros termos designativos, que foram sendo apropriados e recombinaados tanto por indígenas quanto pelos não indígenas, bem como projeto político que esses termos carregam consigo.

Para efeitos de organização, este trabalho está estruturado em três capítulos, sendo que cada qual aborda um ou dois momentos da história de contato entre indígenas e brancos. No primeiro capítulo, traço um panorama histórico dos primeiros contatos e seus desdobramentos, procurando demonstrar a complexidade contrastiva no emprego dos termos designativos “Tupi” e “Tapuia”, bem como as suas variações que se processaram no tempo e no espaço (“civilizado” e “selvagem”; “manso” e “bravo”; “Tupi” e “Botocudo”; “índio aculturado/integrado” e “isolado/não integrado”). Também procuro demonstrar que os europeus (portugueses, espanhóis e franceses) valeram-se amplamente e exploraram as divisões entre grupos locais, tomando os termos designativos dos grupos costeiros aliados e projetando-os no tempo e espaço com a imposição de novas relações e na instalação de bases para a extensão dos seus domínios territoriais.

No segundo capítulo, que compreende o final do século XIX e até a década de 1960 do século XX, teremos como pano de fundo a implantação da monocultura do café e banana, a extensão da malha ferroviária pelo estado de São Paulo, bem como a criação do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), os novos deslocamentos empreendidos pelos grupos Guarani, bem como o cotidiano de alguns Postos Indígenas da 5ª Inspeção e, por fim, a substituição do SPI pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Em meio a esses dados históricos, veremos que muitos dos termos que foram anteriormente empregados para designar os grupos indígenas do litoral (Tupi, índio aldeado, manso, etc.) entraram em desuso, outros permaneceram (Guarani) e outros entraram em cena (Tãnyguá, Apopocúva, Oguauíva, nhandeva, aculturado, puro, etc.).

E no terceiro e último capítulo, veremos que, os Tupi Guarani – e não mais Tupi e Guarani, Nhandeva ou Xiripá – passaram a formular e expressar suas identidades étnicas através da categoria nativa “mistura”, isto é, o etnônimo Tupi Guarani é o resultado de casamentos entre as famílias de origem Tupi (Tupinambá e Tupiniquim) e Guarani que ocorreram ao longo da história. Portanto, ressalta-se que a construção de tal identidade é uma resposta à sociedade nacional e aos demais grupos étnicos. Assim, a afirmação identitária é uma estratégia política encontrada pelos Tupi Guarani.

Por fim, este estudo está calcado tanto no trabalho etnográfico como em pesquisa com fontes históricas. Pois, como bem observa João Pacheco de Oliveira (1999), a compreensão das sociedades indígenas não pode passar sem uma reflexão e uma recuperação críticas de sua dimensão histórica. Denise Maldi (1993), por sua vez, atenta para as possibilidades que o uso de fontes orais e textuais têm para a construção de uma história dos povos indígena. E, por fim, Carmack (1979) observa o fato de que a história indígena implica em um conjunto de técnicas voltadas para recolher, preparar e analisar as tradições orais e escritas.

Nesse sentido, as fontes primárias utilizadas provêm de consultas feitas em arquivos do Museu da Imigração de São Paulo, Museu do Índio, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, bibliotecas das universidades públicas paulistas (UNESP, USP e UNICAMP), o Acervo Florestan Fernandes (Biblioteca da UFSCar), Arquivo do Estado de São Paulo, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo e o acervo do Centro de Trabalho Indigenista (CTI). Ademais, a etnografia foi realizada durante um período compreendido em cinco meses de campo (distribuído ao longo desses dois anos de pesquisa: julho e dezembro de 2013; janeiro a março de 2014), além de visitas de curta duração.

---

## Considerações Finais

Os contatos estabelecidos entre os portugueses e demais europeus com os grupos indígenas que aqueles encontraram na costa oceânica, sobretudo os falantes da língua tupi-guarani, fizeram com que constatassem que o mundo ameríndio estava dividido em “Tupi” e “Tapuia”. Conseqüentemente, tais denominações também marcariam as relações sociais daqueles para com os indígenas, uma vez que esses termos carregavam consigo um indicativo de quem poderia ser aliado ou inimigo. Posteriormente, outras terminações etnômicas também foram adotadas pelas autoridades leigas e religiosas em um período de cinco séculos. Assim temos o uso de expressões como “índio manso” e “índio bravo”, “aldeado” e “errante”, “civilizado” e “selvagem”, “Tupi” e “Botocudo”, “aculturado” e “puro”, “índio aculturado/integrado” e “isolado/não integrado”.

Por consequência, tais termos orientaram inúmeras políticas indigenistas, onde um conjunto de leis oscilava entre medidas amenas e repressivas no trato para com tais povos. Desta feita, as legislações que se seguiram colocavam aos povos indígenas duas escolhas: viver nos aldeamentos e missões jesuíticas ou lutar contra os assaltos e o cativo imposto pelos bandeirantes. Mas, conforme o que pudemos acompanhar no presente estudo, o tratamento dado aos índios nos aldeamentos e missões, sendo considerado como um espaço onde imperavam formas de tratamento marcadamente humanitárias, era tão brutal quanto ao que acontecia no cativo.

Vimos também que, em meados do século XIX, o termo Tupi caiu em desuso, uma vez que se chegou a decretar o fim dos grupos indígenas da costa que levavam tal alcunha. Pesquisadores como Martius (1849), Varnhagen ([1854] 1975), Couto Magalhães ([1875] 1975) e Ihering (1907) anunciavam a extinção de tais indígenas, seja por meio do extermínio ou pela miscigenação. Com isso, o Tupi seria apenas empregado por literatos do indianismo que, na ânsia de criar para uma recente nação um passado glorioso, transformaram o Tupi e o Guarani como modelos de heróis nacionais, conquanto uma dura e violenta realidade estava posta aos indígenas (o esbulho da terra e a escravidão velada). Assim, no século subsequente, o termo “Tupi” seria considerado sinônimo de “índio extinto”, que apenas habitava os livros didáticos de história – mesmo assim de forma breve –, o imaginário popular e, quando lembrado, no legado que deixaram para a Língua Portuguesa. De mais a mais, pesquisadores e autoridades consideravam que os indígenas descendentes dos Tupi e Guarani que viviam pelas matas ou nos arredores das cidades litorâneas e pelo interior de São Paulo não passavam



de fragmentos ou arremedos dos antigos nativos que habitavam a costa. Logo, isto trouxe para tais povos uma série de problemas, tanto políticos como sociais.

Apesar desse quadro histórico nada favorável, os Tupi Guarani e Guarani chegaram até os dias de hoje graças às inúmeras formas de resistência que empregaram ao longo desses quinhentos anos de contato interétnico. Pois, como destaca Florestan Fernandes (1989), os povos indígenas reagiram à dominação através de distintas maneiras: a preservação de sua autonomia via guerra; a submissão na qualidade de aliado e escravo; através da migração para regiões onde os invasores não pudessem exercer sua dominação. Certamente, os índios aldeados e aqueles que viviam livres nas matas não deixaram de criar seus próprios mecanismos sociais de resistência contra a opressão que vigorava seja no interior dos aldeamentos e missões quanto nas pelejas contra os bandeirantes. Como observa Boccara (1999), a resistência indígena não está apenas na revolta, mas também se encontram nas estratégias de mediação, adaptação e reformulação de identidades e na construção de novas formas sociais e culturais. Neste caso, os Tupi e Guarani são casos exemplares.

Assim, os estudos históricos e etnológicos contemporâneos reconhecem o caráter construído das formações sociais e das identidades, assim como o dinamismo das culturas e tradições. Portanto, autores como Hill (1996), Boccara (1999) e Monteiro (2007) compreendem que esse processo também produziu novas sociedades. Desta feita, esses autores deixam de lado o dilema pureza originária e contaminação pós-contato. Sublinhando o processo contínuo de inovação cultural.

Em linhas gerais, o que procurei fazer foi deslindar a trajetória de contato interétnico dos grupos Tupi e Guarani com os não indígenas. Demonstrei ainda que esse encontro ainda se faz presente na contemporaneidade. Como foi colocado, é a partir do final dos anos 80 do século XX, sob a égide da Constituição de 1988, que os Tupi Guarani passaram a formular e expressar suas identidades étnicas. Vimos que a estrutura social tupi guarani não pode ser compreendida se deixarmos de relacioná-la com o entorno, isto é, com outros grupos étnicos e a sociedade nacional. Recordemos que dentre os fatores que favorecem essa relação está a facilidade de acesso garantida pelo desenvolvimento das vias de transporte e a proximidade de acesso, como é o caso da T. I. Piaçaguera às cidades de Itanhaém e Peruíbe, sobretudo com a primeira.

Os Tupi Guarani então passaram a afirmar que sua identidade étnica é o resultado de casamentos entre as famílias de origem Tupi (Tupinambá e Tupiniquim) e Guarani que ocorreram ao longo da história. Para explicar a união entre as parentelas, eles utilizam a categoria nativa denominada “índios misturados”. Desse modo, ressalta-se que a construção

de sua identidade é uma resposta à sociedade nacional e aos demais grupos étnicos. Assim, a afirmação identitária é uma estratégia política encontrada pelos Tupi Guarani.

Nesse sentido, temos dois importantes fatores que auxiliaram no entendimento de tal fenômeno social. O primeiro, como já foi colocado, é de cunho histórico. Dessa forma, a motivação que fez os Tupi Guarani criarem e desenvolverem a sua identidade étnica foi o temor pelas futuras condições de vida. Conseqüentemente, esses atores buscaram no passado, ou seja, na história dos seus antepassados os elementos que necessitavam para se afirmarem como índios no presente. O segundo elemento, que muito contribuiu para a compreensão da construção identitária, situa os Tupi Guarani dentro de uma esfera macrossocial. Como já foi indicado, a identidade étnica do grupo em questão foi construída – na verdade, ela está em um constante processo formação – através das diversas relações estabelecidas por esses indígenas com outros grupos indígenas, a cidade e seus representantes. Mais uma vez deparamo-nos com a conexão entre elementos sociais distintos como forma explicativa do processo identitário. Portanto, considero que a identidade tupi guarani é fruto de eventos históricos e da interação desse grupo com outros povos indígenas e com a sociedade nacional.

Mas essa exposição não estaria inteiramente concluída se não mencionasse a influência desse processo identitário para manutenção do modo de ser e o espaço das aldeias Tupi Guarani. Neste estudo, procurei demonstrar que identidade, modo de ser e o espaço das aldeias estão estritamente ligados, uma vez que a identidade e o espaço da aldeia são mantidos graças à estratégia política de afirmação identitária desse povo perante a sociedade nacional e outros grupos étnicos.

A ação de representantes de uma organização não governamental, o coletivo anarquista, como também os visitantes do projeto Vivência na Aldeia, além de outros elementos pontuais como as igrejas neopentecostais e o trabalho de pesquisadores e agentes da FUNAI e SESAI, contribuem de alguma forma para os propósitos dos Tupi Guarani. A identidade étnica, o modo de ser e o espaço das aldeias são, portanto, recriados conforme as circunstâncias temporais e espaciais.

Enfim, encerro este estudo – embora entenda que um trabalho jamais chega ao fim, o que pode acontecer é que ele apenas adormece e, algum dia, pode ser despertado em nós ou em outra pessoa – dizendo que procurei demonstrar apenas uma face do universo tupi guarani. Portanto, acredito que não há qualquer sombra de dúvida que haja outras maneiras criativas de manifestação da etnicidadedos Tupi Guarani.

**FONTES PRIMÁRIAS:**

ARQUIVO NACIONAL. Relatório com que o Barão de Itauna passou à administração da província ao exm. sr. commendador Antonio Joaquim da Rosa, 3 vice-presidente. São Paulo. Typ. Americana, 1869.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Actas da villa de São Paulo: bando sobre o serviço de índios, de d. Pedro de Almeida e Portugal, governador e capitão-geral da Província de São Paulo. Vol. IV, 1717.

\_\_\_\_\_. Registro geral da Câmara Municipal de São Paulo, v. IV, 1710-1734.

\_\_\_\_\_. Carta do Freio Constantino de Santa Maria, 1722a.

\_\_\_\_\_. Carta do Freio Constantino de Santa Maria, 1722b.

\_\_\_\_\_. Ofício de Machado de Oliveira a Josino do Nascimento Silva, presidente da província de São Paulo, 1853.

\_\_\_\_\_. Carta de José Joaquim Machado de Oliveira a José Antonio Saraiva, presidente da Província de São Paulo, 1854, s.n.

\_\_\_\_\_. Relatório de José Joaquim Machado de Oliveira, Delegado Geral de Terras Públicas, ao Ministério dos Negócios do Império, 1856.

\_\_\_\_\_. Carta escrita pela índia Benedicta a Benedicto Calixto. In. INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO: ARQUIVO BENETICTO CALIXTO DE JESUS. Caixas: 237, 238, 239, 240 e 241, 1907a.

\_\_\_\_\_. Carta escrita pelo índio José Pupo Ferreira a Benedicto Calixto. In. INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO: ARQUIVO BENETICTO CALIXTO DE JESUS. Caixas: 237, 238, 239, 240 e 241, 1907b.

\_\_\_\_\_. 1562-1596. Arquivo Municipal de São Paulo. Vol. 1, século XVI, 1914.

\_\_\_\_\_. Relatório anual da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, 1914.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE SÃO PAULO. Cumprimento da Carta Régia contra o aprisionamento de índios para trabalharem como escravos. Caixa C-30, p.09, 1829.

\_\_\_\_\_. Relatório ofício: aldeamento de índios. Caixa 400, p.10, 1850

\_\_\_\_\_. Parecer ofício: solicitação de providências para aldeamentos de índios: São João Batista e Pirajú. Caixa 402, p.4, 1856.

\_\_\_\_\_. Relatório ofício: apresentação da situação precária dos aldeamentos de índios da província de São Paulo. Caixa 433, p.5, 1863.

BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO. Discurso recitado pelo exmo. Presidente Manuel Felisardo de Souza e Mello, por ocasião da abertura da Assembleia Legislativa da Província de São Paulo, no dia 7 de janeiro de 1844.

\_\_\_\_\_. Discurso recitado pelo exmo. Domiciano Leite Ribeiro, presidente da provincia de São Paulo, na abertura da Assembleia Legislativa da Provincia no dia 25 de janeiro de 1848.

\_\_\_\_\_. Discurso com ilustríssimo e exmo senador José Joaquim Fernandes Torres, presidente da província de São Paulo, abriu a Assembleia Legislativa da Provincia no anno de 1858.

\_\_\_\_\_. Relatório anual do SPI ao Ministério da Agricultura, 1923.

\_\_\_\_\_. Relatório anual do SPI ao Ministério da Agricultura, 1927.

\_\_\_\_\_. Relatório anual do SPI ao Ministério da Agricultura, 1928.

BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. ACERVO FLORESTAN FERNANDES. Actas da Camara da Villa de São Paulo, 1598.

\_\_\_\_\_. Actas da Camara da Villa de São Paulo, 1612.

\_\_\_\_\_. Actas da Camara da Villa de São Paulo, 1622.

\_\_\_\_\_. Registro geral da Câmara Municipal de São Paulo, 1717.

BRASIL. FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO. DIRETORIA DE ASSUNTOS FUNDIÁRIOS – DAF; DEPARTAMENTO DE IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO – DEID; ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA – UNESCO. Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação da T. I. Piaçaguera. Portaria nº 867/00 e 1.041/00. Brasília, 2002.

\_\_\_\_\_. JUSTIÇA FEDERAL. SEÇÃO JUDICIÁRIA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Dano ambiental – responsabilidade civil, direito civil, extração de areia, Aldeamento S. João-Peruíbe, 2014. Disponível em: <http://www.jfsp.jus.br/foruns-federais/>. Acessado em: 12 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. Relatório etno-histórico referente à ocupação Guarani na região do Vale do Ribeira, elaborado por Pablo Antunha Barbosa (Portaria nº 586/PRES/FUNAI, de 19.04.2011). Brasília: FUNAI, 2011.

MUSEU DO ÍNDIO. Ata de instalação do Serviço de Proteção aos Índios, 07/09/1910. Microfilme 001.

\_\_\_\_\_. Carta do advogado J. da Matta Cardim ao Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. 1930. Microfilme 001.

\_\_\_\_\_. Carta do inspetor da 5ª Inspetoria Regional [não está assinada] ao encarregado do P. I. do Bananal. 27/05/1941. Microfilme 001.

\_\_\_\_\_. Relatório escrito por Joaquim Fausto Prado, chefe da 5ª Inspetoria Regional, e endereçada ao inspetor Érico Sampaio, 29/11/1948. Microfilme 11.

\_\_\_\_\_. Carta do inspetor Victor Tonollier. 1949. Microfilme 021.

\_\_\_\_\_. Telegrama do inspetor Victor Tonollier, 28/03/1952. Microfilme 021.

\_\_\_\_\_. Telegrama do inspetor Victor Tonollier, 02/04/1952. Microfilme 021.

\_\_\_\_\_. Telegrama do inspetor Victor Tonollier, 10/05/1952. Microfilme 021.

\_\_\_\_\_. Relatório do vereador da Câmara Municipal de Itariri, senhor Milton Fraga Moreira à 5º Regional do SPI. 08/08/1953. Microfilme 021.

\_\_\_\_\_. Carta de Deocleciano de Souza Nenê, chefe da 5ª Inspetoria Regional, a José Maria da Gama Malcher, diretor do SPI, 04/11/1953. Microfilme 30.

\_\_\_\_\_. Carta (autor desconhecido) a José Maria da Gama Malcher, diretor do SPI, 12/09/1953. Microfilme 33.

\_\_\_\_\_. Ofício. Transferência de responsabilidade do P.I. Itanhaém, da 5ª Inspetoria Regional à Diretoria do Rio de Janeiro. 4/11/1953. Microfilme 28.

\_\_\_\_\_. Relatórios do SPI ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. (1915-1960). Microfilme 001.

\_\_\_\_\_. Carta do diretor substituto do Posto Indígena Peruíbe, Renato Azzi, ao Departamento de Imigração e Colonização. 26/07/1953. Microfilme 800.

\_\_\_\_\_. Carta do chefe da 5ª Inspetoria Regional, Deocleciano de Souza Nenê, ao Diretor do SPI, José Maria da Gama Malcher, 1953. Microfilme 33.

\_\_\_\_\_. Carta do funcionário do SPI, Benamour B. Fontes, à 5ª Inspetoria Regional. 1959. Microfilme 800.

\_\_\_\_\_. Relatório Jáder Figueiredo Corrêa. 1967. v.01, v.23, v.30.

## REFERÊNCIAS:

ALONSO, A. O positivismo de Luís Pereira Barreto e o pensamento brasileiro no final do século XIX. In. *Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo*. 1995. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/alonsopositivismo.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2014.

ALMEIDA, R. H. *O Diretório dos Índios: um projeto de civilização do século XVIII*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1997.

ALMEIDA, M. R. C. *Metamorfozes indígenas: identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora FGV/FAPERJ, 2013.

ALBANO MAIA, P. Expansão territorial do Brasil colonial: o bandeirismo. In. ODÁLIO, N.; CASTRO CALDEIRA, J. R. *História do estado de São Paulo: a formação da unidade paulista: volume 1 – Colônia e Império*. São Paulo: EDUNESP/ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO/IMPrensa OFICIAL, 2010.

ANDRADE, O. Manifesto antropofágico. In. *Revista de Antropofagia*. São Paulo, n.1. p.3, 1928.

ANCHIETA, J. *Cartas, informações históricas e sermões do Padre José de Anchieta (1554-1594)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1554-1594] 1933.

ANTUNHA BARBOSA, P.A “Terra sem Mal” de Curt Nimuendaju e a “Emigração dos Cayuáz” de João Henrique Elliot: notas sobre as “migrações” guarani no século XIX. In. *Revista Tellus*, Campo Grande, n.24, p.121-158, 2013.

ARANTES, P. O positivismo no Brasil. In. *Novos Estudos – CEBRAP*, Campinas, n. 21, 1988.

ARARIPE, T. A. Primeiro navio francez no Brazil. In. *Revista do Instituto Histórico, Geographico e Etnographico do Brazil*, Rio de Janeiro, v.2, tomo XLIX, p.315-332, 1886.

ARAÚJO FILHO, J. R. de. A vila de Itanhaém. In. *Boletim Paulista de Geografia*. São Paulo, n.6, p.4-22, 1950.

\_\_\_\_\_. A cultura da banana no Brasil. In. *Boletim Paulista de Geografia*. São Paulo, n. 27, p. 27-54, 1957.

ARENZ, K. Mão de obra da fé. In. *Revista de História*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, n.112, ano 10, p.26-29, 2015.

ARROYO, L. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. São Paulo: Melhoramentos, 1976.

AZANHA, G.; VALADÃO, V. M. *Senhores destas terras: os povos indígenas no Brasil – da colônia aos nossos dias*. São Paulo: Atual, 1991.

\_\_\_\_\_.; LADEIRA, M. I. *Os índios da Serra do Mar*. São Paulo: Nova Stella, 1988.

- AZEVEDO, A. Aldeias e aldeamentos de índios. *Boletim Paulista de Geografia*. São Paulo, n. 33, p. 26-?, 1959.
- BARROS, M. C. D.; BORGES, L. C.; MEIRA, M. A língua geral como identidade construída. *Revista de Antropologia*. São Paulo, v. 39, n. 1. p. 191-219, 1996.
- BENZAQUEN, R. Guerra e paz: Casa Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- \_\_\_\_\_. Sobrados e mucambos e Raízes do Brasil. In. MIRANDA, M. C. T. (org.). *Quem somos nós?* Recife: Massangana, 2000.
- BEOZZO, J. O. *Leis e regimentos das missões: política indigenista no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1983.
- BOCCARA, G. Etnogénesis mapuche: resistencia y restructuración entre los indígenas Del Centro-Sur de Chile (Siglos XIV-XVIII), In. *Hispanic American Historical Review*, n. 79, v.3, p.415-461, 1999.
- BONIFÁCIO, J. A. S. Apontamentos para a civilização dos índios bravos do Império do Brasil. In. CALDEIRA, J. *José Bonifácio de Andrada e Silva*. São Paulo: Editora 34, 2002.
- BORGES PEREIRA, J. B. Emilio Willems e Egon Schaden na história da antropologia. In. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 8 n.22, p. 249-253, 1994.
- BURGUIÈRE, A. A antropologia histórica. In. LE GOFF, J. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CALAVIA SÁEZ, O. Antropofagia comparada. In. *Revista Travessia*. n.37, p.82-88, 1988.
- CALIXTO, B. *A Vila de Itanhaém*. Santos: Diário de Santos, 1895.
- \_\_\_\_\_. Os primitivos aldeamentos indígenas e índios mansos de Itanhaém. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. São Paulo, v. 10, 1905.
- \_\_\_\_\_. *Capitanias paulistas*. São Paulo: Casa Duprat/Casa Mayenca, 1924.
- CANABRAVA, A. P. Os contratos de trabalho e os índios da Província de São Paulo – 1853. In. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo, v. 4, p.433-438, 1950.
- CARMARK, R. M. Etnohistoria y teoria antropológica. In. *Cuadernos*, Guatemala, n.26, 1979.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. *O processo de assimilação dos Terena*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1960.
- \_\_\_\_\_. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.
- CARNEIRO DA CUNHA, M. *O direito dos índios*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Legislação indigenista no século XIX*. São Paulo: EDUSP/Comissão Pró-Índio, 1992a.
- \_\_\_\_\_. *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992b.
- \_\_\_\_\_. *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.
- CARTA CAPITAL. *Ditadura criou cadeias para índios com trabalhos forçados e torturas*. 24/06/2013. São Paulo. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/politica/ditadura-criou-cadeias-para-indios-com-trabalhos-forcados-e-torturas-8966.html>. Acesso em: 25 jun. 2013.
- CAUBY NOVAES, S. *Jogos de espelho: imagens da representação de si através dos outros*. São Paulo: EDUSP, 1993.

CLASTRES, H. *Terra sem Mal: o profetismo Tupi-Guarani*. São Paulo: Brasiliense, [1975] 1978.

\_\_\_\_\_. Primitivismo e ciência do homem no século XVIII. In. *Discurso*. São Paulo, n.13, p.187-208, 1980.

CLASTRES, P. *A sociedade contra o Estado: investigações de antropologia política*. São Paulo: Brasiliense, [1974] 1978.

\_\_\_\_\_. *Guerra, religião e poder*. Lisboa: 70, 1980.

\_\_\_\_\_. *Crônicas dos índios Guayaki: o que sabem os Aché, caçadores nômades do Paraguai*. Rio de Janeiro: Ed. 34, [1973] 1995.

\_\_\_\_\_. *Arqueologia da violência: pesquisas de antropologia política*. São Paulo: Cosac & Naify, [1980] 2004.

CHAMORRO ARGÜELLO, C. G. *Papa tapia rete marangatu – que nossos corpos tenham sempre algo bom para contar: a experiência religiosa Guarani como ato de dizer-se*. 1996. 292f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, 1996.

\_\_\_\_\_. *Terra madura yvy araguyje: fundamentos da palavra Guarani*. Dourados: UFGD, 2008.

\_\_\_\_\_. *Descir el cuerpo: historia y etnografía del cuerpo en los pueblos Guarani*. Dourados: UFGD, 2009.

COMBÈS, I.; VILLAR, D. Os mestiços mais puros: representações chiriguano e chané da mestiçagem. In. *Mana*, Rio de Janeiro, n.13, v.1, p.41-62, 2007.

COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. 2014. Texto 5: violações de direitos humanos dos povos indígenas. In. Relatório: textos temáticos – volume II. Brasília. Disponível em: [http://www.cnv.gov.br/images/pdf/relatorio/volume\\_2\\_digital.pdf](http://www.cnv.gov.br/images/pdf/relatorio/volume_2_digital.pdf). Acesso em: 27 dez. 2014.

CORBIN, A. *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CORRÊA, J.G.S. *A ordem a se preservar: a gestão dos índios e o Reformatório Agrícola Indígena Krenak*. 2000. 214 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Antropologia, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2000.

DALL'IGNA RODRIGUES, A. *Diferenças fonéticas entre Tupi e Guarani*. Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense LTDA, 1945.

DANAGA, A. Os Tupi, os Mbya e os Outros: um estudo etnográfico da aldeia Renascer – Ywyt Guaçu. 2012, 133f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

DAVIS, S. *Vítimas do milagre: o desenvolvimento e os índios do Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

\_\_\_\_\_. Povos primitivos e ideologias civilizadas no Brasil. In. JUNQUEIRA, C.; CARVALHO, E. A. *Antropologia e indigenismo na América Latina*. São Paulo: Cortez, 1981.

DEAN, W. *A ferro e fogo: história e a devastação da Mata Atlântica*. São Paulo: Companhia das Letras, [1995] 2010.

- ELLIS, M. As bandeiras na expansão geográfica do Brasil. In. HOLANDA, S. B. (org.). *História geral da civilização brasileira: a época colônia – tomo I*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1962.
- ELLIOT, J. H. A emigração dos cayuaz. In. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*. Rio de Janeiro, tomo XIX, p.434-447, 1898.
- FAORO, R. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2001.
- FAUSTO, C. Se deus fosse jaguar: canibalismo e cristianismo entre os Guarani (Séculos XVI - XX). In. *Revista Mana*, Rio de Janeiro, n.11, v. 2, p. 385-418, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Os índios antes do Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- FERNANDES, F. Antecedentes indígenas: organização social das tribos tupis. In. BUARQUE DE HOLANDA, S. (org.) *História geral da civilização brasileira: a época da Colônia – tomo I*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1962.
- \_\_\_\_\_. *A organização social dos Tupinambá*. São Paulo/Brasília: Hucitec, [1954] 1963.
- \_\_\_\_\_. *A função social da guerra na sociedade Tupinambá*. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, [1952] 1970.
- FICO, C. *Além do golpe*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- FIGUERÔA, S. F. M. *Modernos bandeirantes: a Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo e a exploração científica do território paulista (1886-1931)*. 1987. 168f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em História, Faculdade de Filosofia, Ciências, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1987.
- FERREIRA, M. T. C. R. *Os aldeamentos indígenas paulistas no fim do período colonial*. 2006. 201f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1990.
- FREYRE, G. *Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, [1933] 2006.
- FRÜHAUF GARCIA, O projeto pombalino de imposição da língua portuguesa aos índios e sua aplicação na América meridional. In. *Tempo – Revista do Departamento de História da UFF*, Rio de Janeiro, v. 12, p.33-48, 2007.
- FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO. *Quem são?* Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/quem-sao> Acesso em: 15 ago. 2014.
- GARCIA, J. M. *O descobrimento do Brasil nos textos de 1500 a 1571*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2000.
- GÂNDAVO, P. M. *A primeira história do Brasil: história da província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos de Brasil*. Rio de Janeiro: ZAHAR, [1576]2004.
- GASPARI, E. *A ditadura envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GIANNOTTI, J. A. Comte: vida e obra. In. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- GIAVARA, E. *Viagem ao desconhecido: o olhar científico nas fronteiras do oeste paulista 1886-1905*. 2008. 178f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2008.



- GOLDMAN, F.; SIMÃO, A. Itanhaém: estudos sobre o desenvolvimento econômico e social de uma cidade litorânea. In. *Boletim de Sociologia II*. São Paulo, n.226, 1958.
- GOMBRICH, E. H. *A história da arte*. Rio de Janeiro: LTC, 1999.
- GOMES RIBEIRO, J. C. Os indígenas primitivos de S. Paulo (Guayanazes, Tapuias ou Tupis?). In. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, v.13, p.181-196, 1908.
- GOUVEA, F. C. *Maurício de Nassau e o Brasil holandês: correspondência com os Estados Gerais*. Recife: Editora da UFPe, 1998.
- HARTMANN, T. Kayoá, kaingáng e Kadiwéu na iconografia indígena. In. \_\_\_\_\_. A contribuição da iconografia para o conhecimento de índios brasileiros do século XIX. *Coleção Museu Paulista, Série de Etnologia*. São Paulo, v.1, 1975.
- HOLANDA, S. B. *Monções*. São Paulo: Brasiliense, [1945] 1990.
- \_\_\_\_\_. *Visões do paraíso: os motivos edêmicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, [1959] 1994a.
- \_\_\_\_\_. *Caminhos e fronteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994b.
- HILL, J. D. History, Power and identity: Amazonian perspective. In. *The Americas Iowa City*: Univerty of Iowa Press, 1996.
- HOMGREN, D. *Permacultura: princípios e caminhos além da sustentabilidade*. Porto Alegre: Livraria Via Sapiens, 2002.
- HORTA BARBOSA, L. B. *Pelo índio e pela sua proteção oficial*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1947.
- IHERING, H. V. A antropologia do Estado de S. Paulo. In. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo, v.7, p. 202-257, 1907.
- \_\_\_\_\_. A questão dos índios do Brasil. In. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo, v. 8. p. 112-140, 1911.
- INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. *Povos indígenas no Brasil: Guarani*. São Paulo. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/guarani>, Acesso em: 23 ago. 2014.
- YOUNG, E. G. Esboço histórico da fundação da cidade de Iguape. In. *Revistado Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. São Paulo, v. 2, 1896.
- LEFORT, C. *As formas da história: ensaios de antropologia política*. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- LIMA, A. C. S. O governo dos índios sobre a gestão do SPI. In. CARNEIRO DA CUNHA, M. (org.) *História dos índios do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Um grande cerco de paz: poder tutelar, indigenismo, indianidade e formação do Estado no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Reconsiderando poder tutelar e formação do Estado no Brasil: notas a partir da criação do Serviço de Proteção aos Índios e Localização dos Trabalhadores Nacionais*.
- KRONE, R. Contribuições para a etnologia paulista. O aldeamento do rio Itariry. In. *Revista do Centro de Ciencias, Letras e Artes*. Campinas, n.23, p.57-60, 1909.
- LADEIRA, M. I. *O caminhar sobre a luz: o território Mbyá à beira do oceano*. São Paulo: EDUNESP, 2010.

- LEITE, S. *Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da cidade de São Paulo, 1956.
- \_\_\_\_\_. *Suma histórica da Companhia de Jesus no Brasil (1549-1760)*. Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar, 1965.
- \_\_\_\_\_. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.
- LEITE, J.C. F. Proteção e incorporação: a questão indígena no pensamento político ortodoxo. *Revista de Antropologia*, São Paulo, n. 30/31/32, 1989.
- LÉRY, J. *Viagem à terra do Brasil*. São Paulo: Livraria Martins, [1578] 1980.
- LÉVI-STRAUSS, C. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Antropologia estrutural*. São Paulo: Cosac&Nayf, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- LOPES DE SOUZA, P. *Diário de navegação (1530-1532)*. Lisboa: Agência-Geral do Ultramar, [1839] 1927.
- LUCIANO, G. S. *Os índios brasileiros: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2012.
- LUÍS, W. *Na Capitania de São Vicente*. Brasília: Senado Federal, [1918] 2004.
- MACHADO DE OLIVEIRA, J. J. Notícia relacionada sobre as aldeias dos índios da província de São Paulo, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, n. 8, p.204-254, 1846.
- \_\_\_\_\_. *Quadro histórico da província de São Paulo*. São Paulo: Typographia Imparcial de J. R. A. Marques, 1864.
- MAGALHÃES, C. *O selvagem*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, [1875] 1975.
- MALDI, D. *A teia da memória: proposta teórica para a construção de uma etnohistória*. Cuiabá: EdUFMT, 1993.
- MALHEIRO, P. *A escravidão no Brasil: ensaio histórico, jurídico, social*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- MARCHANT, A. *Do escambo à escravidão: as relações econômicas portuguesas e índios na colonização do Brasil – 1500-1580*. São Paulo: Editora Nacional, [1942] 1980.
- MARQUESES, R.; TOMICH, D. O Vale do Paraíba escravista e a formação do mercado mundial do café no século XIX. In. GRINBERG, K.; SALLES, R. *O Brasil Imperial: volume II – 1831-1870*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- MATTOS, M. I. O indigenismo na transição para a república: fundamentos do SPI. In. ROCHA FREIRE, C. A. (org.) *Memórias do SPI: textos, imagens e documentos sobre o Serviço de Proteção ao Índio (1910-1967)*. Rio de Janeiro: Museu do Índio-FUNAI, 2011.
- MARTIUS, K.F. Ph. Como se deve descrever a história do Brasil. In. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, n.6, p. 389-411, 1845.
- MAXWELL, K. *Marquês de Pombal: paradoxo do Iluminismo*. Rio de Janeiro: Pax e Terra, 1996.
- MELLATI, J. C. *Índios do Brasil*. Brasília/São Paulo: Editora da UNB/HUCITEC, 1987.
- MELIÁ, B.; Grunberg, G. 1976. Los Paí-Tavyterã: etnografia Guarani del Paraguay Contemporâneo. *Suplemento Antropológico*. Vol. II. Nº 1- 2, 1976.

\_\_\_\_\_. A experiência religiosa Guarani. In: MARZA, M. M. (org.). *O rosto índio de Deus*. São Paulo: Coleção Teologia e Libertação, 1989.

\_\_\_\_\_. A Terra sem Mal dos Guarani: economia e profecia. *Revista de Antropologia*. São Paulo, v.33, 1990.

MERLEAU-PONTY, M. "Eye and mind", in: EDIE, J. M. (org.) *The primacy of perception: and other essays on phenomenological psychology, the philosophy of art, history and politics*. Evanston: Northwestern University Press, 1964.

MÉTRAUX, A. Migrations historiques des Tupi-Guarani. In: *Journal de La Société des Américanistes de Paris*. Paris, n.19, p.1-45, 1927.

\_\_\_\_\_. *A religião dos Tupinambás e suas relações com a das demais tribos tupi-guarani*. São Paulo: Editora Nacional/EDUSP, [1928] 1979.

MONTEIRO, John M..1984. Vida e Morte do Índio: São Paulo Colonial In: \_\_\_\_\_. (et al). *Índios no Estado de São Paulo: resistência e transfiguração*. São Paulo: Yankatu Editora Ltda, 1984.

\_\_\_\_\_. *Negros da terra: índios e bandeiras nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994a.

\_\_\_\_\_. (Org.) *Guia de fontes para a história indígena e do indigenismo em arquivos brasileiros: acervos das capitais*. São Paulo: Núcleo de História Indígena e do Indigenismo da USP/FAPESP, 1994b.

\_\_\_\_\_. O desafio da história indígena no Brasil. In: LOPES DA SILVA, A. BENZI GRUPIONI, L. D. *A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º Grau*. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.

\_\_\_\_\_. Os Guarani e a história do Brasil meridional séculos XVI-XVII. In: CUNHA, M. C. da (Org.) *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

\_\_\_\_\_. A descoberta dos índios. In: *Leitura*, São Paulo, v.17, n.1, p.6-7, 1999.

\_\_\_\_\_. *Tupis, Tapuias e historiadores: estudos de história indígena e do indigenismo*. 2001. 233f. Tese (Livre-Docência) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Antropologia. Universidade de Campinas, Campinas, 2001.

MONTARDO, D. L. O. Através do mbaraká: música e xamanismo guarani. 2002. 277f. Tese (Doutorado) –Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

MONTOYA, Pe. A. R. *Conquista espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape*. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, [1892] 1985.

\_\_\_\_\_. LXIII – Petição do padre Antonio Ruiz de Montoya ao Vice-Rei do Peru, sobre as armas de fogo necessárias à defesa dos indígenas contra as invasões de portugueses. In: VIANNA, H. *Jesuítas de bandeirantes no Uruguai (1611-1758): manuscritos da coleção de Angelis IV*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1970.

MOREIRA NETO, C. A. *Os índios e a ordem imperial*. Brasília: CGDOC/FUNAI, 2005.

MÜLLER, G. *Estado, estrutura agrária e população*. Petrópolis: Vozes, 1980.

NAZZARI, M. Da escravidão à liberdade: a transição de índio administrado para vassalo independente em São Paulo colonial. In: NIZZA DA SILVA, M. B. (org.) *Brasil: colonização e escravidão*. Rio de Janeiro, 2000.

NIMUENDAJU, C. Apontamentos sobre os Guarani. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo, v.8, [s.n.], 1954.

\_\_\_\_\_. *As lendas de criação e destruição do mundo como fundamentos da religião Apapocúva-Guarani*. São Paulo: Hucitec/USP, 1987.

\_\_\_\_\_. *Mapa etno-histórico de Curt Nimuendaju*. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/Fundação Nacional Pró-Memória, 1981.

\_\_\_\_\_. Mais uma vez a questão indígena. In. *Revista Tellus*. Campo Grande, n. 13, p.269-274, [1908] 2013.

NÓBREGA, M. *Cartas do Brasil e mais escritos*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1955.

\_\_\_\_\_. Diálogo sobre a conversão do gentio. In. DOURADO, M. *A conversão do gentio*. Rio de Janeiro: São José, [1556-1557] 1958.

OLIVEIRA, J. P. “*O nosso governo*”: os Ticuna e o regime tutelar. São Paulo: Marco Zero/MCT-CNPq, 1988.

\_\_\_\_\_. Uma etnologia dos “índios misturados”? situação colonial, territorialização e fluxos culturais. *Revista Mana*. Rio de Janeiro, n.4, v.1, p.47-77, 1998.

\_\_\_\_\_. *A viagem de volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena*. Rio de Janeiro: Contracapa, 1999.

\_\_\_\_\_. Os instrumentos de bordo: expectativas e possibilidades do trabalho do antropólogo em laudos periciais. In. *Revista Nanduty*. Grandes Dourados-Mato Grosso do Sul, v.1, n.1, p.70-86, 2012.

OVERING, J. Elogia ao cotidiano: a confiança e a arte da vida social em uma comunidade amazônica. In. *Revista Mana*, Rio de Janeiro, v.5, n.1, p.81-107, 1999.

PAIVA, O. C. Política de colonização em São Paulo (1890-1945): núcleos coloniais e áreas de colonização – subsídios à grande propriedade. In. ODALIA, N. CASTRO CALDEIRA, J.R. (orgs.) *História do estado de São Paulo/ A formação da unidade paulista: volume 2 – república*. São Paulo: EDUNESP/ Arquivo do Estado/ Imprensa Oficial, 2010.

\_\_\_\_\_. *Histórias da (I)migração: imigrantes e migrantes em São Paulo entre o final do século XIX e o início do século XXI*. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013.

PEIRANO, M. Antropologia no Brasil: alteridade contextualizada. In. MICELI, S. *O que ler nas ciências sociais (1970-1995)*. São Paulo: Editora Sumaré, 1999.

PERRONE-MOISÉS, B. Índios livres e índios escravos: os princípios da legislação indigenista do período colonial (séculos XVI a XVIII). In. CARNEIRO DA CUNHA, M. (org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PERRONE-MOISÉS, L. Essomeircq: o venturoso Carijó. In. NOVAES, A. *A outra margem do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

PETRONE, P. *A Baixada do Ribeira: estudo de geografia humana*. São Paulo: USP-FFLCH, 1966.

\_\_\_\_\_. *Os aldeamentos paulistas*. São Paulo: EDUSP, 1992.

PINTO JÚNIOR, J. A. *Memória sobre a catechese e civilização dos indígenas da Província de São Paulo*. Santos: Typ. Comercial, 1862.

- PISSOLATO, E. de P. *A duração de pessoa: mobilidade, parentesco e xamanismo Mbyá* (Guarani). São Paulo: UNESP, 2007.
- POMPA, C. *Religião como tradução: missionários, tupi e tapuia no Brasil colonial*. Bauru: EDUSC; São Paulo: ANPOCS, 2003.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. Auto de cabeça de processo para la averiguacion de quien Dio faumto. ajuda, y a quatro portugueses, que dentaran a esta por la via de San Pablo contra lo prohibido. In. *Bandeirantes no Paraguai (século XVII): documentos inéditos*. São Paulo: Departamento de Cultura-Divisão do Arquivo Histórico, v. XXXV, [1616] 1949.
- RENDON, J. A. T. *Obras*. São Paulo: Governo do estado de São Paulo, 1979.
- RIBEIRO, D. *Política indigenista brasileira*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura/Serviço de Informação Agrícola, 1962.
- \_\_\_\_\_. *Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- \_\_\_\_\_. *O processo civilizatório: etapas da evolução sociocultural*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- RIBEIRO, B. *Os índios na história do Brasil*. São Paulo: Global Editora, 1987.
- RIBEIRO DE ANDRADA, M. F. Jornais das viagens pela capitania de São Paulo. In. PEREIRA CLETO et al. *Roteiros e notícias de São Paulo colonial: Coleção Paulística vol. 1*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, [1805] 1977.
- RONDON, C. Discurso do General Rondon ao inaugurar a exposição apresentada ao Ministro da Agricultura Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida pelo Diretor do SPI em janeiro de 1923. In. HORTA BARBOSA, L.B. *Pelo índio e pela sua proteção oficial*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1947.
- RÖWER O. F. M., Frei B. *Páginas de história franciscana no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1957.
- SAHLINS, M. *Ilhas de histórias*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- \_\_\_\_\_. Two or three things that I know culture. In. *The Journal of the Royal Anthropological Institute*. Great Britain, v. 5, n. 3, p. 399-421, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Metáforas históricas e realidades míticas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- \_\_\_\_\_. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um “objeto” em via de extinção (Parte I e II). *Revista Mana*. Rio de Janeiro, v.1-2, n.3, p. 41-73, 103-150, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Cultura na prática*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2007.
- SAMAIN, E. G. As imagens não são bolas de sinuca: como pensam as imagens? In. \_\_\_\_\_. (Org.). *Como pensam as imagens*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2012.
- SAMPAIO, T. *Considerações geográficas e econômicas sobre o valle do Paranapanema*. In. Boletim da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo. São Paulo: Typographia King, 1890.
- SAMPAIO, P. M. Política indigenista no Brasil Imperial. In. GRINBERG, K. & SALLES, R. *O Brasil Imperial: vol. 1 (1808-1831)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- SCHADEN, E. *Aspectos fundamentais da cultura Guarani*. São Paulo: Difusão Editora, 1962.

- \_\_\_\_\_. *Aculturação e assimilação dos índios no Brasil*. São Paulo: SÃO PAULO. COMISSÃO GEOGRAPHICA E GEOLOGICA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Exploração de Rio do Peixe. São Paulo: Typographia do Brazil de Rothschild & Co., 1913.
- \_\_\_\_\_. Exploração do Rio Ribeira de Iguape. São Paulo: Typographia do Brazil de Rothschild & Co, 1914.
- \_\_\_\_\_. Exploração do littoral: 1ª Secção – Cidades de Santos a fronteira do Estado do Paraná. S.Paulo: Typographia do Brazil de Rothschild & Co., 1915.
- SILVA, M. L. O. *A Lei de Terras: um estudo sobre a propriedade da terra no Brasil*. São Paulo, 1990. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1990.
- STADEN, H. *Dois viagens ao Brasil*. São Paulo: Porto Alegre, [1557] 2011.
- STAUFFER, D. H. Origem e fundação do Serviço de Proteção aos Índios. In. *Revista de História*, São Paulo, n.º.37, p.37-77, 1959.
- SCHWARTZ, S. B. *Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial – 1550-1835*, São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- ROCHA FREIRE, C. A. (org.) *Memórias do SPI: textos, imagens e documentos sobre o Serviço de Proteção aos Índios (1910-1967)*. Rio de Janeiro: Museu do Índio-FUNAI, 2011.
- \_\_\_\_\_. O exercício da tutela sobre os povos indígenas: considerações para o entendimento das políticas indigenistas contemporâneas. In. *Revista de Antropologia*. São Paulo, v. 55, n.2, p. 781-832, 2012.
- SKIDMORE, T. E. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1976.
- SOUZA, L. M. *O sol e a sombra: política e administração na América portuguesa do século XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- TAUNAY, A. E. *História das bandeiras paulistas*. São Paulo: Melhoramentos, 1975.
- TIDEI DE LIMA, J. F. *A ocupação da terra e a destruição dos índios na região de Bauru*. 1978. 199f. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós Graduação em História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1978.
- VAINFAS, R. Colonização, miscigenação e questão racial: notas sobre equívocos e tabus da historiografia brasileira. In. *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, p.07-22, 1999.
- \_\_\_\_\_. *A heresia dos índios: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Antonio Vieira: um jesuíta luso-brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- VARNHAGEN, F. A. *História geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Laemmert, [1854] 1975.
- VASCONCELOS, S. *Crônica da Companhia de Jesus*. Petrópolis: Vozes, [1663] 1977.
- VEIGA, J. Aproximações entre etnologia e os estudos de demografia histórica. In. AZEVEDO, M. A. & BAENINGER, R. (org.) *População indígena: mobilidade espacial*. Campinas: Núcleo de Estudos de População, 2013.
- VIEIRA, A. *Vozes saudosas, da eloquência, do espírito, do zelo, e eminente sabedoria do padre Antonio Vieira*. Lisboa: Officina Miguel Rodrigues, 1736.

\_\_\_\_\_. *Obras escolhidas*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1951.

VIVEIROS DE CASTRO, E. B. *Araweté: os deuses canibais*. Rio de Janeiro: Zahar/ANPOCS, 1986.

\_\_\_\_\_. Etnologia brasileira. In. MICELI, S. (org.) *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*. São Paulo: Editora Sumaré/ANPOCS; Brasília: CAPES, 1999.

\_\_\_\_\_. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac&Naify, 2002.

WEHLING A.; WEHLING, M. J. Exército, milícias e ordenanças na Corte joanina: permanências e modificações. In. *Revista DaCultura*, Rio de Janeiro, n.14, p. 26-34, 2008.

WOORTMANN, K. *Religião, ciência e renascimento*. Brasília: UNB, 1997.